

AS CIGARRINHAS-VERDES NAS VINHAS PORTUGUESAS

Maria Eulália Raposo – meraposo@isa.utl.pt

Introdução

As primeiras referências das cigarrinhas verdes como praga da vinha datam de 1980 (1). Em 1989, Quartau (7) identificou, pela primeira vez a espécie *Jacobiasca lybica* em vinhas alentejanas, espécie que posteriormente veio a ser reconhecida como a principal nestas vinhas (8, 10). Em 1995, registou-se a primeira referência à presença da praga noutra região do País como causa de prejuízos (4). Posteriormente as referências ao insecto aumentaram destacando-se o ataque registado em 1998, no Douro (2).

A protecção das vinhas a este insecto exige para além do conhecimento dos meios de protecção hoje disponíveis, nomeadamente a protecção química e biotécnica, o conhecimento das técnicas de estimativa do risco e dos factores de nocividade, fundamentais a uma correcta tomada de decisão de intervenção (decidir ou não tratar). Neste artigo são referidas as espécies de cigarrinhas-verde registadas em Portugal e resumidos o ciclo de vida, os sintomas, estragos e prejuízos, as técnicas de estimativa de risco e alguns factores de nocividade.

Espécies e ciclo de vida

As espécies de cigarrinhas-verdes dominantes nas vinhas portuguesas são duas: *Jacobiasca lybica* e *Empoasca vitis* (8) ainda que também sejam registadas as espécies *Empoasca decipiens* e *Empoasca solani* (8, 10). Em 1999, também foram registadas, na região do Douro, as espécies *Psamotetrix striatus* e *Euscelidius variegatus* (8) e em 2001, na região dos Vinhos Verdes, a espécie *Scafoideus titanus* (6), no entanto, sem estar associada à presença de flavescência dourada.

Das áreas prospectadas entre 1997 e 1999 registou-se a dominância de *J. lybica*, no Algarve (5), Alentejo e Alentejo e de *E. vitis* no Douro e Dão (8).

Estas espécies têm um ciclo de vida semelhante: no fim do Inverno ou início da Primavera, os adultos hibernantes passam para a vinha, onde após algumas semanas de actividade fazem as posturas dos ovos ao longo das nervuras principais da página inferior das folhas. O número de ovos, o seu período de incubação e o desenvolvimento dos cinco estádios ninfais são variáveis com a espécie e condicionados pela temperatura, o que pode originar um número de gerações anuais variável e a sua sobreposição. Após a queda das folhas na vinha as cigarrinhas-verdes transferem-se para as plantas herbáceas arbustivas ou perenes onde passam o Inverno, a maioria em hibernação (10) (Fig. 1).

Sintomas, estragos e prejuízos

As cigarrinhas-verdes têm armadura bucal picadora-sugadora. Da sua actividade alimentar resultam algumas deformações da superfície da folha, a alteração na coloração e a morte de áreas de tecido foliar (10). A redução de área foliar é considerada um estrago directo, que pode ou não ter reflexos na produção de fotoassimilados, cuja redução, com menor acumulação de açúcar nos bagos e nos ramos (atempamento), é

considerada estrago indirecto. Este só será designado prejuízo se tiver significado económico, o que nem sempre acontece, sobretudo se só for afectado o atempamento.

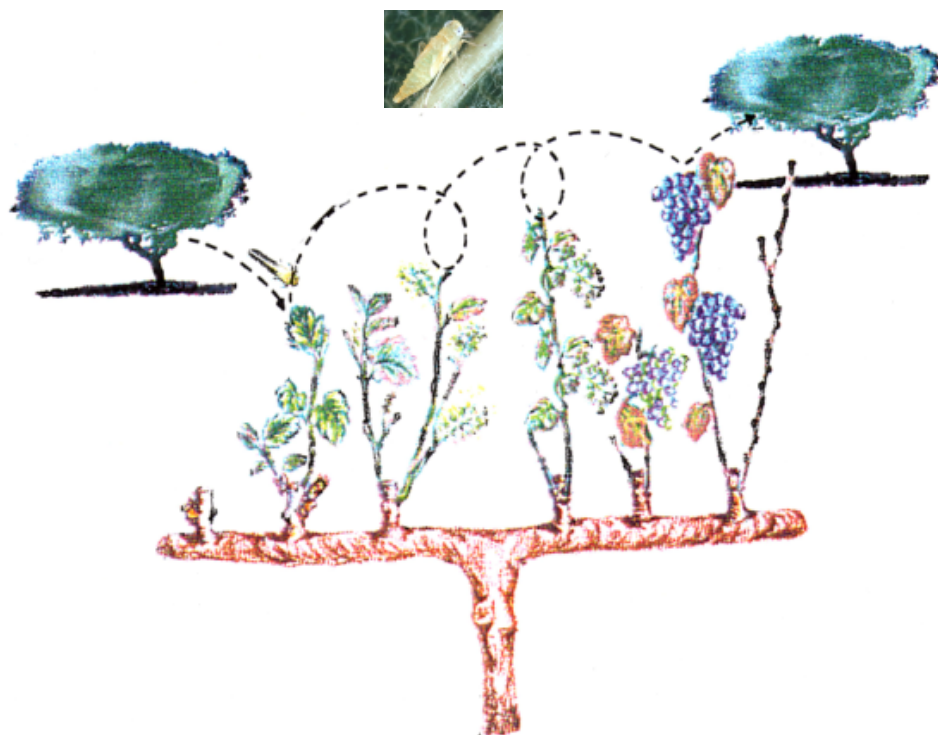


Fig. 1 – Desenho esquemático do ciclo vegetativo da videira associado à presença das cigarrinhas-verdes.

Como estimar o risco de ataque?

A presença dos adultos das cigarrinhas-verdes pode ser registada por observação directa, quando a praga é conhecida e o observador é experiente, ou recorrendo à utilização de armadilhas amarelas adesivas. Contudo, a presença dos adultos só por si não costuma provocar prejuízos. Só após um período, de duração variável, é que são feitas as posturas de onde nascerão as ninfas da primeira geração.

Para determinar a presença de ninfas aconselha-se, normalmente, a contagem do número de ninfas presentes em 100 folhas de 3^a ou 4^a ordem, na primeira geração, ou de 7^a ou 8^a ordem, na segunda geração ou depois do início de Agosto (11). No entanto, o conhecimento actual da distribuição do insecto pelo coberto da videira indica ser diferente a localização das folhas a observar, uma vez que é condicionada pela espécie de cigarrinha-verde dominante. Assim, onde domine a espécie *J. lybica* (Algarve, Alentejo e Setúbal), aconselha-se a observação de folhas do terço superior do coberto e onde domine a espécie *E. vitis* (Dão e Douro), aconselha-se a observação de folhas do terço médio (Fig. 2) (8). Recorrendo aos resultados da prospecção efectuada por Rebelo (10), também se aconselha a observação do terço superior do coberto na região do Ribatejo e Oeste uma vez que foi verificada a dominância de *J. lybica* (Fig. 2). Para as regiões de onde se desconhece a espécie dominante aconselha-se a realização de observações preliminares, a folhas de várias localizações do coberto, para procurar esclarecer quais as folhas onde é mais frequente a presença de ninfas. As cepas da bordadura, por serem mais vigorosas, são as mais atreitas às cigarrinhas-verdes, pelo

que não devem ser usadas para estimar o risco de ataque na parcela (3), mas, admite-se que possam ser utilizadas como indicador da presença do insecto bem como para estimar quais as folhas preferidas, desde que no início do ataque.

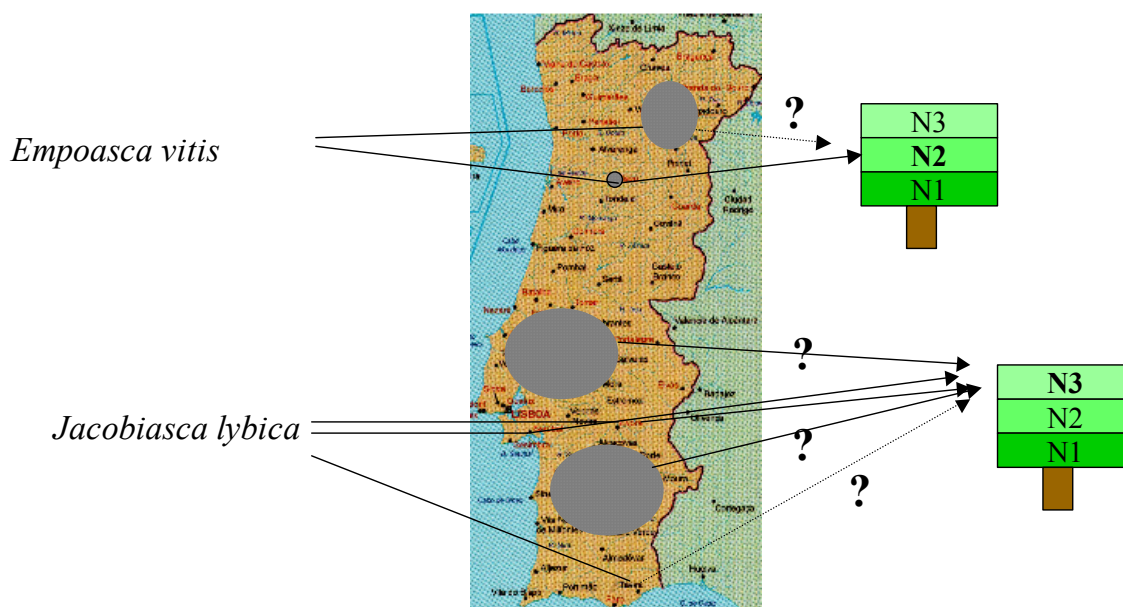


Fig. 2 – Distribuição geográfica de espécies de cigarrinhas-verdes e de técnicas da localização das folhas a observar para determinar a intensidade de ataque, em Portugal. N – nível; ? – resultado estimado de acordo com a espécie dominante registada.

Quando decidir tratar?

Existem valores indicativos da necessidade de tratar, designados nível económico de ataque (NEA). Abaixo destes valores, por vezes apresentados na forma de intervalo, considera-se que o custo de tratar é superior ao custo de tolerar as cigarrinhas-verdes na vinha, ainda que provocando alguns estragos. Segundo os Serviços Oficiais preconizam-se tratamentos se a intensidade de ataque for de 50 a 100 ninfas em 100 folhas, até início de Agosto e de 50 ninfas, após o início de Agosto (11). Além da avaliação do número de ninfas é fundamental a ponderação dos factores de nocividade, ou seja, dos factores que condicionam a importância do ataque independentemente da sua intensidade.

Dos vários factores de nocividade relativos às cigarrinhas-verdes referem-se alguns, como: a idade das plantas (nas mais novas é mais grave a redução do atempamento); o estado fenológico (a capacidade de reacção da planta à desfoliação é menor após o vingamento); o estado sanitário, o vigor e as condições de crescimento (a capacidade de reacção da planta é menor se for débil e/ou estiver em “stress”); a intensidade de sintomas, ponderando, também, a presença de outros agentes que causem sintomas similares; a tradição da praga na região; as castas (8, 9); e, o efeito secundário de outros tratamentos, o que por vezes permite combater a traça-da-uva e a cigarrinha-verde em simultâneo.

Referências bibliográficas

COELHO, A. Dias (1983) – A cigarrinha verde das vinhas. *Ao Serviço da Lavoura*. 175: 22-24

- FREITAS, J. & AMARO, P. (2001) – “Explosion” de cicadelle verte dans la région du Douro au Portugal en juillet/août 1998. *Bull OILB/SROP* **24** (7): 217-219
- JENSEN, F.L., KAIMATIS, A.N., KIDO, H.J. & MOLLER, W. J. (1982) –Grape leafhopper. In FLAHERTY, D.L. (Ed) (1982) – *Grape pest management*. Div. Agric. Nat. Resour.. Uni. California : 98-110
- PEDROSO, V., LOPES, C., JESUS, C., MARTINS, S., BRITES, J. & CASTRO, R. (1995) – Condução da Touriga Nacional no Dão. Interações forma carga e porta enxerto. *Actas Cong. GESCO. Vairão. Junho 1995*::66-71
- PEREIRA, S. (1998) – *Estudo da dinâmica populacional da cigarrinha-verde da vinha (Homoptera, Cicadellidae) e dos seus parasitóides*. Rel. Fin. Curso Eng. Agrón. UCTA/Univ. Alg. 72 p
- QUARTAU, J. A., GUIMARÃES, J.M., ANDRÉ, G. (2001) – On the occurrence in Portugal of the Nearctic Scaphoideus titanus Ball (*Homoptera, Cicadellidae*), the natural vector of the grapevine “Flavescence dorée” (FD). Proc. Meet. Work. Grp. Integr. Contr. Vitic. Ponte Lima, Março 01. *Bull OILB/SROP* **24** (7): 273-276
- QUARTAU, J. A., FANÇONY, A.I. & ANDRÉ, G. (1989) – *Jacobiasca lybica* (Bergevin & Zanon, 1992) (Homoptera : Cicadellidae, Typhlocybinae) a new leafhopper infesting vineyards in Southern Portugal. *Boletm da Sociedade Portuguesa de Entomologia*. **IV– 12** (114): 129-133.
- RAPOSO, M-E. & AMARO, P. (2003) – Leafhopper species, its behaviour and risk assessment in Portuguese vineyards from 1997 to 1999. *Groupe Trav. Lutte Integr. Vitic., Volos*. Março. 2003 (em public)
- RAPOSO, M-E., PEDROSO, V., AMARO, P. & CASTRO, R. (2001) – Cultivar and training system effects on leafhopper (Hom. Cicadellidae) infestations. Proc. Meet. Work. Grp. Integr. Contr. Vitic. Ponte Lima, Março 01. *Bull OILB/SROP* **24** (7): 227-285
- REBELO, T. (1993) – *Estudo das cigarrinhas verdes da vinha (Homoptera cicadellidae) numa perspectiva de protecção integrada: Biologia, Ecologia e Estratégias de luta*. Diss. Mest. Prot. Integ. ISA/UTL, Lisboa, 189 pp
- RIBEIRO, J.R. & GONÇALVES, M. L. (2000) – Protecção Integrada da Vinha – Lista dos produtos fitofarmacêuticos e Níveis económicos de ataque. DGPC, Oeiras